



Mulheres multiartistas na música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música, Corpo, Gênero, Sexualidade e Feminismos

Mayra de Brito Ferreira
Universidade Federal da Paraíba
mayracelo@gmail.com

Resumo. Este trabalho apresenta um recorte inicial de uma pesquisa de doutorado em andamento na área de Etnomusicologia, cujo tema é a atuação de mulheres multiartistas na música brasileira contemporânea. Tem como objetivo investigar o fazer multiartístico ou de multiarte como possível categoria de análise para a pesquisa em música, compreendendo o trânsito entre diferentes linguagens artísticas (música, poesia, dança, artes visuais, teatro) como elemento estruturante na performance e identidade de artistas. A investigação vem articulando três eixos teóricos: a interdisciplinaridade das artes e a separação histórica entre linguagens artísticas; a tensão entre a prática multiartística e os cânones musicais; e as relações de gênero, feminismo e identidade de mulheres artistas. Metodologicamente, o trabalho parte de uma revisão de literatura sobre o termo *multiartista* em teses e dissertações brasileiras e de um exercício inicial de observação das bios de *Instagram* de mulheres artistas da cena musical de João Pessoa, Recife e São Paulo. A revisão de literatura sugere que a experiência multiartística ainda carece de sistematização no campo acadêmico da música, e a observação dos perfis indica que a multiplicidade de atuações pode funcionar menos como profissão e mais como identidade, servindo como modo de existência e resistência. Conclui-se que o trânsito entre linguagens pode desafiar hierarquias de especialização consolidadas pelo cânone ocidental, apontando para a necessidade de epistemologias plurais que reconheçam corpo, palavra, performance e imagem como dimensões constitutivas do fazer musical.

Palavras-chave. Multiartista, Etnomusicologia, Mulheres artistas, Interdisciplinaridade, Identidade na arte.

Women Multi-artists in Music

Abstract. This work presents an initial overview of an ongoing doctoral research in the field of Ethnomusicology, whose theme is the role of multi-artist women in contemporary Brazilian music. It aims to investigate multi-artistic doing, or multi-art, as a possible analytical category for music research, understanding the movement across different artistic languages (music, poetry, dance, visual arts, theater) as a structuring element in the performance and identity of artists. The investigation articulates three theoretical axes: the interdisciplinarity of the arts and the historical separation between artistic languages; the tension between multi-artistic practice and musical canons; and the relationships among gender, feminism, and the identity of women artists. Methodologically, the study draws on a literature review of the term *multi-artist* in Brazilian theses and dissertations, and on an initial exercise observing the Instagram bios of women artists from the music scenes of João Pessoa, Recife, and São Paulo. The literature review suggests that the multi-artistic experience still lacks systematization in the academic field of music, and the observation of the profiles indicates that the multiplicity of activities may function less as a profession and more as an identity, serving as a mode of existence and resistance. It is concluded that the movement across languages may challenge hierarchies of specialization consolidated



by the Western canon, pointing to the need for plural epistemologies that recognize body, word, performance, and image as constitutive dimensions of musical practice.

Keywords: Multi-artist, Ethnomusicology, Women artists, Interdisciplinarity, Identity in art.

Multiartistas e a música

O que significa ser um artista que desenvolve e interage com várias linguagens das artes, incluindo a música? Esta é a questão que move minha pesquisa de doutorado e este trabalho, que tem como objetivo compreender sobre a atuação de mulheres que articulam diferentes linguagens em suas trajetórias criativas e em suas performances. Para falar desse universo multifacetado, escolhi a palavra *multiartista* para identificar este tipo de artista, pois o termo vem sendo usado para designar pessoas que transitam na música, poesia, dança, artes visuais e teatro, integrando essas dimensões e experiências em seus processos de criação, atuação e profissão, produzindo obras e percursos que atravessam fronteiras disciplinares e ampliam as possibilidades de expressão artística.

A pesquisa sobre artistas que experienciam e trabalham com *multiarte* vem acontecendo aos poucos em pesquisas acadêmicas para descrever pessoas que atuam e reúnem práticas como composição musical, performance, escrita poética, direção artística, desenhos, pinturas, design gráfico, criação cênica. No meio musical isso pode ser mais bem estudado e é o que estou buscando na minha pesquisa, a noção de multiartista pode se tornar categoria de análise para compreender experiências musicais na contemporaneidade. Portanto, parto da hipótese de que o trânsito entre diferentes linguagens artísticas constitui um elemento estruturante da identidade e performance de mulheres artistas na contemporaneidade que são envolvidas com música. Considero, assim, que compreender essas trajetórias pode ampliar o próprio campo da pesquisa em música, permitindo pensar práticas artísticas contemporâneas que fogem das categorias tradicionalmente utilizadas para definir o fazer musical.

Neste caminho, ponderando sobre uma possível lacuna desta temática no universo acadêmico musical, a partir de busca no repositório de teses e dissertações da CAPES com filtro nos anos de 2016 a 2026, obtive 18 resultados entre teses e dissertações de áreas variadas que referenciam a palavra *multiartista*. Os trabalhos estão ligados a programas de pós-graduação de Letras, História, Música, Artes Cênicas, Artes e Comunicação.

Na área de música, foram encontrados dois trabalhos importantes de dissertação que referenciam mulheres *multiartistas*. São eles: Veloso (2021): *(En)canto: trans(ação) sexualidade e ativismo na performance de Linn da Quebrada*; Pereira (2021): *Macunaíma*



ópera tupi trans-criação: o selvagem e marginal na ópera de Iara Rennó. Alguns trabalhos de música como a dissertação de mestrado de Bernardo (2024), *Cátia de França: chuva feminina no sertão*, utiliza o termo *multiartista* no escopo do texto, descrevendo sobre a cantora paraibana:

Esta pesquisa propõe apresentar o início da trajetória da multiartista paraibana, Cátia de França, na década de 1960 até o lançamento do seu primeiro disco, *Vinte Palavras Ao Redor Do Sol*, lançado em 1979, apontando para a sua produção como multiartista, atuando como cantora, compositora, multi-instrumentista, arranjadora musical, diretora musical e escritora e como a artista se impôs num mercado fonográfico estruturado a partir de uma lógica patriarcal (Bernardo, 2024, p. 7).

Dentre os trabalhos encontrados na revisão de literatura que fiz, o que mais se aproxima do meu trabalho é a dissertação de Sara Braga (2024): *Mulheres multiartistas: processos criativos entre linguagens artísticas*, inserido na área de Artes Visuais-UFMG. Apesar de seu trabalho ser da área de Artes Visuais, constitui um antecedente relevante para mim que busco deslocar essa discussão para o campo da Música. A dissertação de Braga (2024) se destaca por articular a investigação acadêmica à experiência da própria pesquisadora enquanto multiartista. Essa posição produz uma escrita crítica e reflexiva sobre os processos criativos sem que a experiência pessoal substitua a análise. A pesquisadora acredita que o próprio termo *multiartista* pode ser restritivo para enquadrar artistas em categorias. Ela fez diálogos com outras multiartistas das artes visuais, traz sub-temáticas como identidade, processos de criação, política e gênero, mundo do trabalho, e mostra isso em seus diálogos com as multiartistas entrevistadas:

Marta Neves nunca se disse multiartista. Talvez por demasiada autocrítica ou humildade, ela diz que ainda tem muito a aprender e que não gosta de fechar fronteiras. De forma ácida e humorada, se denominou multimerda (Braga, 2024 p. 22).

Assim, Braga (2024) interage com suas entrevistadas e comenta as falas delas, trazendo um tom irônico e sarcástico sobre uma possível identidade artística multidisciplinar. Vale salientar que outros termos podem também circular no campo de minha pesquisa, como: *intermídia* (relação entre mídias), *multimídia* (coexistência de mídias), *interartes* (diálogo entre artes), *híbrido* (mistura de linguagens), *multidisciplinar* (múltiplas linguagens) e *multiarte* (muitas artes).



Como definir uma artista de muitas facetas?

Em entrevista à Revista Polivox (2020), a cantora, compositora, poeta e artista visual, Karina Buhr (PE), afirma que cumpre muitas atividades artísticas e tenta se virar financeiramente¹ desde a pandemia, lançando seu livro e fazendo artes visuais: “Meu pai que dizia: ‘você faz um monte de coisa, mas não escolheu uma coisa que dê dinheiro...’ (risos). Mas, é isso: escreve ou desenha ou faz música. Eu tenho um monte de opção, tudo opção que é difícil” (Polivox, 2020).

Da mesma forma, a compositora, poeta e cantora Letrux, em entrevista à Carta Capital (2024)², fala do desejo de ser muitas em uma só, recusando uma identidade artística fixa.

Carta Capital: Apesar de a Letrux ter um caractere, você parece estar sempre se criando, sendo outros, sendo várias [...] Letrux: Sim, sempre gostei. Eu fui estudar teatro porque tinha alguma coisa em mim que não bastava. Quando criança, eu não queria ser atriz, não queria ser cantora, eu não queria ser nada. Sei lá, eu queria ser juíza, porque eu tenho um senso de justiça fortíssimo... Olha que louco, esquisitíssimo. Só que, claro, a personalidade vence esse querer [...] (Capital, 2024).

A partir dessas falas, pode-se compreender que estas mulheres adentram em diversos universos em seus afazeres de vida e de arte, articulando música, palavra, corpo e imagem em suas trajetórias. Será que poderíamos afirmar que elas utilizam a arte como espaço de afirmação de identidade, resistência e invenção de si, muitas vezes enfrentando seus medos e travas e transpassando isso em suas músicas?

A poeta, filósofa e psicanalista Viviane Mosé (2018), observa que o corpo é parte importante na existência “o eu é, na verdade, o processador de um sistema de informações que começa na pele, nos olhos e no corpo” (Mosé, 2018, p. 126). Esse pensamento pode oferecer uma chave para minha pesquisa, enxergando o corpo como potência para expressão das artes. O estudo de mulheres multiartistas pode contribuir para a visibilidade de trajetórias atravessadas por questões de gênero, representatividade, resistência e inovação artística. Para a pesquisa em Música, investigar práticas *multiartísticas* de mulheres pode ampliar o próprio

¹ Disponível em: <http://revistapolivox.com.br/index.php/portfolio/karina-buhr/>. Acesso em: 5 de junho de 2026

² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/eu-preciso-de-luz-e-de-trevas-letrux-em-uma-viagem-por-paris-e-alem/>, por Thalita Haia, 08.03.2024 05H59. Acesso em: 5 de junho de 2026.



campo disciplinar, reconhecendo que corpo, palavra, performance, cena e imagem podem ser tão relevantes quanto o fenômeno sonoro. Isso pode trazer novos dados para a pesquisa em música.

Eu, multiartista em construção

Meu interesse pelo tema vem da minha trajetória. Minha formação nas artes iniciou formalmente através da aprendizagem musical aos dezenove anos de idade estudando instrumento musical, teoria musical e canto coral. Aprendi violoncelo, toquei em orquestra e fiz licenciatura em música. Toquei repertório de música europeia no violoncelo, me interessando também por um perfil de músico vinculado ao universo popular. A partir de 2012, passei a integrar um grupo de teatro na Paraíba, o Coletivo de Teatro Alfenim, através de convite do músico do grupo. Foi então que passei a desenvolver atividades como instrumentista, arranjadora, atriz, preparadora vocal e compositora. Um momento decisivo ocorreu quando a figurinista do grupo afirmou: “Você não é só instrumentista, você é uma artista”. Desde então, essa afirmação permanece ecoando em mim e alimenta a inquietação que orienta minha pesquisa. Esta afirmação na verdade era uma provocação, pois muitas vezes nós instrumentistas nos sentimos mais intérpretes e técnicos do que criadores.

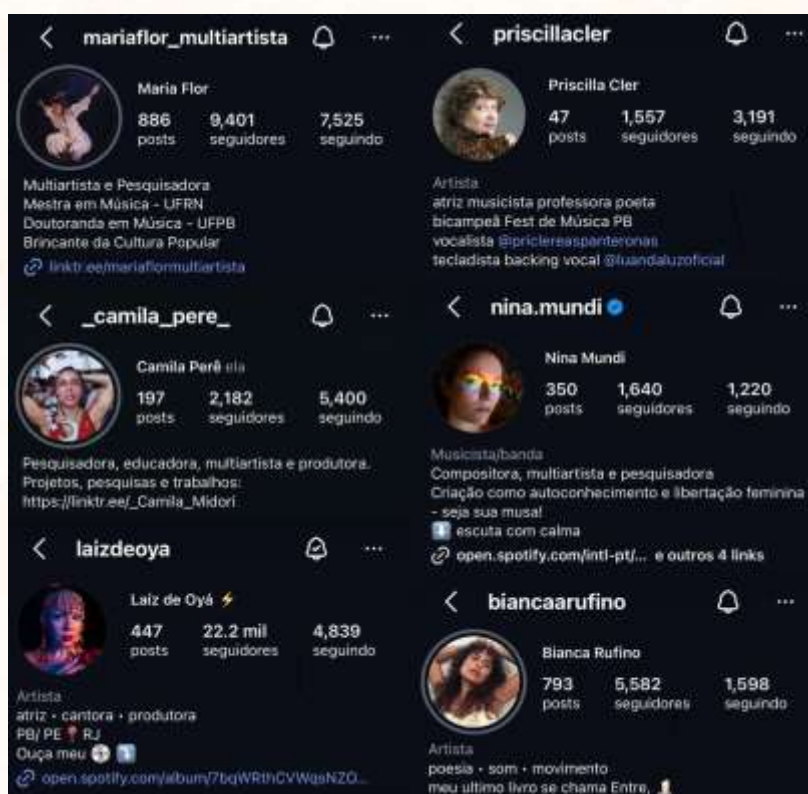
Atualmente, digo que sou uma compositora em construção, e, no processo de compor canções, vejo o ofício de escrever letras e metáforas, penso elementos para além do som, quase como uma brincadeira e desestresse. Me atravesso então por várias subjetividades e por minhas vivências. Me vejo em outras artistas que possuem um vínculo misterioso com a arte, usando-a como forma de resiliência, criação de potências, afirmação de identidade e elaborações psicológicas. Este trabalho parte, portanto, de uma inquietação simultaneamente pessoal e acadêmica.

Como elas se identificam nas redes sociais

Proponho um exercício agora de observação da bio de *Instagram* de algumas artistas que trabalham com música e outros ofícios, artistas que sigo e acompanho com maior frequência. Este olhar sucinto sobre o perfil dessas artistas pode dar uma margem inicial sobre possíveis análises futuras na minha pesquisa. As redes sociais se constituíram como espaços de construção identitária, nos quais artistas negociam e comunicam suas formas de atuação profissional. Nesse contexto, analiso brevemente a descrição dos perfis das artistas Bianca Rufino, Maria Flor, Priscilla Cler, Nina Mundi, Laiz de Oyá e Camila Perê, que

fazem parte da cena cultural de João Pessoa, Recife e São Paulo. Embora possuam trajetórias singulares, todas desenvolvem práticas que atravessam diferentes linguagens artísticas, transitando entre a música, a performance, a poesia, o teatro, a literatura, a produção cultural e a presença nas plataformas digitais. Em suas atuações, percebe-se que sua identidade artística não se limita ao exercício de uma única profissão, mas é construída por meio da circulação entre diversos campos de criação e de expressão. Observando a descrição do perfil delas, percebo que as artistas acumulam funções e suas trajetórias constituem um campo de como a multiplicidade artística produz novas formas de criação, visibilidade e inserção profissional no cenário musical contemporâneo.

Figura 1 – Perfis do *Instagram* das multiartistas selecionadas



Fonte: *Instagram* (2026)

Buscando uma primeira análise sobre esses dados, penso que diferentemente de classificações institucionais, as biografias do *Instagram* permitem escolhas livres de autodesignação, pois ocorreu um tipo de autodescrição destas artistas, da forma como se promovem nas redes sociais. Nesse contexto, observa-se que a maioria das artistas não restringe sua apresentação a uma única profissão, optando por listar diferentes práticas (cantora, compositora, atriz, poeta, performer, pesquisadora, produtora) ou por condensá-las



na categoria multiartista. A coexistência dessas estratégias pode sugerir que o termo multiartista funciona menos como uma profissão específica e mais como uma categoria identitária da arte capaz de reunir trajetórias marcadas pelo trânsito entre diferentes linguagens artísticas.

Diferente de jornais e matérias, em perfis de redes sociais estas artistas escolhem como querem se descrever no mundo cultural e sociedade virtual. Nesse contexto, pode-se pensar que as redes sociais também se constituem como espaços de negociação e elaboração da identidade artística, nos quais diferentes linguagens, performances e formas de representação coexistem, o que me faz questionar até que ponto construções de identidades se relacionam com seus processos de criação e prática artística.

A discussão sobre identidade tem ocupado um lugar central nos estudos culturais contemporâneos por permitir compreender como os sujeitos se constituem em meio às transformações sociais, tecnológicas e culturais da pós-modernidade. Para Stuart Hall (2006), a identidade deixa de ser entendida como uma essência estável e poderia ter mais um caráter processual, construído nas relações sociais, nas representações e nos diferentes contextos de atuação. Nessa perspectiva, compreender a identidade das artistas investigadas significa reconhecer que suas trajetórias não se organizam em torno de uma única categoria profissional ou artística, mas são produzidas por meio de múltiplas experiências, linguagens e performances, de combinações, de processos transformadores e negociações. Como afirma Hall (2006, p. 13): “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Meu desejo de adentrar no universo dessas artistas me faz acreditar que posso encontrar formas de existência que desafiam classificações rígidas e evidenciam formas contemporâneas de fazer arte. E isso talvez possa ser percebido tanto nos processos de criação delas quanto nas formas de auto apresentação em espaços digitais, onde a multiplicidade de atuações passa a constituir parte central da apresentação pública da artista.

Fundamentação teórica

Para compreender sobre mulheres multiartistas na música, organizei três eixos teóricos que atravessam a investigação: as disciplinaridades e interdisciplinaridades nas artes; o *multiartista* e suas implicações para os cânones artísticos e musicais; e gênero, feminismo e identidade de mulheres artistas.



Existe disciplina?

A interdisciplinaridade é uma abordagem recorrente para os estudos de música, ela abrangeu suas análises para além do som, focando em aspectos essenciais da performance do corpo, da dança, artes cênicas, artes visuais, vestimentas e pinturas de corpos em rituais e em manifestações populares. Trazer a interdisciplinaridade para a pesquisa acadêmica não é algo novo, apesar de certa dificuldade em relacionar campos disciplinares por parte de pesquisadores.

O estudo do multiartista exige uma perspectiva interdisciplinar, pois sua prática transita entre diferentes linguagens artísticas sem se restringir a apenas uma delas. Contudo, a interdisciplinaridade não significa dissolver as especificidades de cada campo. Ao contrário, pressupõe reconhecer os fundamentos, técnicas e modos de produção próprios da música, do teatro, da dança ou das artes visuais para, então, compreender como esses elementos se articulam em uma prática integrada. Assim, vejo que é necessário, ao mesmo tempo, distinguir as particularidades de cada linguagem e analisá-las em conjunto com um olhar histórico, crítico e cultural sobre isso, entendendo que é justamente na relação entre elas que emerge a produção *multiartística*.

Este movimento de buscar um olhar diferenciado pode soar complexo para a pesquisa musical, pois o universo musical possui características marcadas historicamente por uma visão canônica de que a excelência artística está associada ao domínio exclusivo de técnicas de uma única linguagem, o que tende a dificultar o reconhecimento de práticas que transitam entre diferentes campos artísticos como legítimas ou tecnicamente consistentes.

Rolla (2023) brinca com a palavra disciplina e indisciplina ao pensar sobre artistas multidisciplinares, ele usa o termo “multindisciplinar” para tratar de um artista que experimenta muitas práticas transversalizando linguagens: “Nos últimos anos venho usando a palavra ‘multindisciplinar’ para definir minha prática livre de arestas e formatações” (Rolla, 2023, p. 3). Rolla está provocando e criticando sobre uma tendência da especificidade das artes, assim como nomenclaturas que encaixotem artistas em categorias muito específicas e tecnicistas. Para ele, multiartistas não poderiam ser lidos como pessoas “indisciplinadas”, se entendermos o sentido de música na sociedade como algo muito além de uma disciplina ou um toque sonoro.

Estudos de música africana, como de Nzewi (2012), falam que o sentido de música no ocidente é encaixotado, colonizado, e terminologias do conhecimento podem contradizer a essência original e o propósito da música. No continente africano, a música é combinada com



suas irmãs dança, teatro e vestuário para funcionar como ciência artística efetiva da saúde mental e da gestão dos sistemas da sociedade. Nzewi (2012) critica a moderna educação musical metropolitana, que tem descartado as intenções criativas proativas e a experimentação da atuação holística, tornando-a compartimentada em disciplinas isoladas e patrocinando entretenimento superficial (NZEWI, 2012, p. 84).

Se pensarmos sobre disciplinaridades no ocidente, historicamente, as artes poderiam ser vistas como unificadas: a poesia cantada, o teatro integra música e dança, a performance reúne corpo, voz e palavra. Figuras como Sappho de Lesbos, no século VII a.C., eram, ao mesmo tempo poetisas, compositoras e performers, o que hoje chamaríamos de multiartistas. A trajetória de Sappho de Lesbos talvez possa servir de caminho para compreender que a articulação entre poesia, música, canto, dança e performance não constitui uma característica exclusivamente contemporânea, mas possui raízes profundas na história das artes. Em *Sappho de Lesbos e suas companheiras: ritual, música e performance*, Gomes (2025) apresenta Sappho como uma mulher pertencente à aristocracia de Lesbos e responsável pela educação musical e poética de jovens solteiras (*parthénai*), conduzindo um coro feminino em práticas rituais e performáticas. Para Gomes (2025) Sappho redefiniu formas de expressão, sociabilidade e produção artística, conferindo visibilidade à voz das mulheres por meio da música, da poesia e da performance.

Trago a história de Sappho como uma possível indicação de que o trânsito entre linguagens artísticas e a atuação multifacetada de mulheres artistas antecede em muitos séculos as discussões contemporâneas sobre interdisciplinaridade ou *multiarte*, oferecendo um importante antecedente histórico para refletir sobre a construção da identidade das multiartistas na atualidade.

Os cânones na música

A identidade multiartística entra em direta tensão com os cânones da música e das artes. O cânone do compositor, historicamente masculino, europeu, especialista, valoriza aquele que domina profundamente uma única linguagem. O multiartista, ao circular por várias práticas, pode ser visto, em certos espaços, como alguém que “faz muita coisa, mas não faz nada bem”. Essa percepção não é neutra: ela reproduz hierarquias estéticas e sociais que podem ser problematizadas.

Vale o questionamento sobre o que se constitui competência ou qualidade na música. Isso se conecta ao debate mais amplo que a Etnomusicologia nos propõe: a desconstrução de cânones na própria disciplina e a necessidade de epistemologias plurais, que reconheçam



práticas artísticas fora dos modelos hegemônicos. Nettle (2010) incentiva os etnomusicólogos a se interessarem pelas contradições de formações de cânones de teoria, método, conceito ou procedimento, assim também como coleções de repertórios, culturas ou obras.

Como etnomusicólogos na academia, também devemos continuar a ter uma visão crítica de cânones que foram desenvolvidos simplesmente a partir do conhecimento recebido, a continuar a contradizer generalizações simplistas e a questionar a sabedoria convencional (Nettle, 2010, p. 203 - tradução nossa).

No mesmo caminho de desconstrução de cânones, Burnard (2012); Ferreira e Ferreira (2022), delineiam um olhar mais contemporâneo e social sobre criatividade, colocando o conflito entre uma visão de criatividade ligada ao “compositor como gênio solitário” em contrapartida à criatividade apreendida em processos coletivos e colaborativos. Para Burnard (2012), a criação tem um caráter coletivo e colaborativo, sendo resultado de uma gama de elementos que se inter-relacionam, e de troca de experiências entre pessoas e contextos, com múltiplas manifestações de distintas e híbridas formas, o trabalho artístico envolve uma atividade conjunta, e os trabalhos de arte não são produtos de um artista individual que possui um raro e especial dom (Burnard, 2012, p. 7).

Gênero, feminismo e a identidade da mulher artista

O que é ser uma mulher e o que é ser uma multiartista? Um dos principais caminhos para a pesquisa científica que trata de mulheres na música é percorrer uma base teórica sobre feminismo e gênero, buscando compreender sobre o ser feminino na sociedade. Márcia Tiburi (2018) destaca a importância de continuar usando palavras tais como “sexo” e “gênero” para que a crítica e a pesquisa séria não sejam desvirtuadas (Tiburi, 2018, p. 75 - 76).

Afunilando o tema, temos comentários de Lucy Green (2001) sobre a forma que a sociedade enxerga e trata a mulher na música como sendo uma construção social e de códigos pautados por modelos muitas vezes ligados ao corpo e sexualidade feminina. A autora destaca que existem distintos níveis de aceitação social para a prática da chamada música feminina. A mulher cantora estaria associada no imaginário social de um distanciamento das capacidades intelectuais, pela ênfase na exposição do corpo. Mulheres instrumentistas seriam mais transgressoras deste ideal convencional de feminilidade, as mulheres compositoras e



improvisadoras estariam mais distantes deste conceito, pelo desenvolvimento de um trabalho mais intelectualizado (Green, 2001, p. 29 - 84).

Santos e Silva (2018) descrevem sobre o protagonismo da pifeira Zabé da Loca, na Paraíba. Eles enfatizam a relevância de falar de mulheres nos estudos musicais brasileiros e sobre trazer à tona a quebra de padrões sociais que estas mulheres construíram culturalmente:

Exemplos como o de Zabé da Loca e de muitas outras mulheres que ocupam os diversos domínios sociais no campo profissional, do lazer, da arte, da religião, entre outros, apontam para uma desconstrução do posicionamento dual rua/casa e da subordinação ao patriarcalismo (Santos; Silva, 2018, p. 17).

Considerações finais:

Este trabalho buscou apresentar o percurso inicial de uma pesquisa que parte de uma inquietação ao mesmo tempo pessoal e acadêmica: o que significa ser uma mulher que transita entre múltiplas linguagens artísticas e como essa experiência se manifesta na música contemporânea?

A revisão de literatura evidencia que a experiência *multiartística* carece de sistematização no campo acadêmico da música. Essa lacuna reforça a pertinência da pesquisa e aponta para a necessidade de novos olhares sobre práticas artísticas que resistem à lógica da especialização.

Os três eixos teóricos articulados aqui, interdisciplinaridade das artes, tensão com os cânones musicais e perspectiva de gênero, revelam que a experiência das mulheres multiartistas é atravessada por múltiplas dimensões: históricas, como demonstra a trajetória de Sappho de Lesbos (c. 630–612 a.C); epistemológicas, como aponta a crítica de Bruno Nettl aos cânones; e políticas como comenta Lucy Green ao analisarem os corpos femininos na arte e na música.

O breve exercício de observação dos perfis de Instagram das artistas selecionadas pode indicar que as redes sociais funcionam como espaços de negociação identitária da arte, onde a multiplicidade de atuações não é vivida como dispersão, mas como modo de existência e resistência. O termo multiartista talvez surja aí menos como profissão e mais como identidade, uma forma de nomear a si mesma que recusa o encaixotamento.

Outras etapas, que compreendem entrevistas semiestruturadas com mulheres multiartistas, deverão aprofundar a compreensão sobre como essas mulheres constroem seus



processos criativos, negociam reconhecimento e constroem estratégias de inserção em um campo que ainda privilegia a especialização. É possível supor que quem trabalha com *multiarte* também desenvolva habilidades em diferentes campos sem que haja, necessariamente, uma interação direta e visível entre eles, o que não descarta que essas práticas se influenciem de maneira menos evidente. Essa hipótese ainda carece de investigação empírica e será explorada nas próximas etapas da pesquisa, através de entrevistas com as artistas. Espera-se, assim, contribuir para a ampliação do campo da pesquisa em música, reconhecendo que corpo, palavra, cena e imagem são tão constitutivos do fazer musical quanto o próprio som.

Referências

BERNARDO, Luana Ferreira de Sousa. Cátia de França: chuva feminina no sertão. 2024. 109 p. Dissertação (Mestrado em Música) — Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

BRAGA, Sara Alves. Mulheres multiartistas: processos criativos entre linguagens artísticas. 2024. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) — Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

BURNARD, Pamela. Musical creativities in practice. Oxford (UK): Oxford University Press. 2012.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Cadernos de Leitura*, Belo Horizonte, n. 78, p. 1-16, 2018. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 9 junho de 2026.

ESCAESCO. Manu Gavassi: a multiartista que desafia os limites da criatividade. Revista *escaesco*, 2 de maio de 2024. Disponível em: <https://escaesco.com.br/2024/05/02/manu-gavassi-a-multiartista-que-desafia-os-limites-da-criatividade/>. Acesso em: 3 de abril.

FERREIRA, Mayara B.; FERREIRA, Mayra B.. Reflexões e estratégias para pensar práticas criativas no ensino de música com atividades em grupo e a música popular. *Anais XXXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música- Natal- 2022*.

GOMES, José Roberto de Paiva. Sappho de Lesbos e suas companheiras: ritual, música e performance. *Dramaturgias*, Brasília, n. 29, p. 155-165, 2025. Disponível em: [Revista Dramaturgias](https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/59434) (<https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/59434>). Acesso em 19 de junho de 2026.

GREEN, Lucy. Música, género y educación. Madrid: Ediciones Morata, 2001.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma



pesquisa atual em sala de aula. Revista da ABEM, Londrina, v.20, n.28, p. 61-80, 2012.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu de Silva, Guaracira Lopes Louro- ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KURAMA'TÁ, Revista. A poesia de Bianca Rufino. Revista Kuruma'tá, 16 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://kurumata.com.br/2022/12/16/a-poesia-de-bianca-rufino/>. Acesso em: 6 de abril de 2025.

LETRUX. Site oficial. Disponível em: <https://www.letlux.com/bio>. Acesso em: 31 de março de 2025.

MOSÉ, Viviane. Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea- Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NETTL, Bruno. Riding the Warhorses: On the Ethnomusicology of Canons. In: NETTL, Bruno. Nettl's Elephant: On the History of Ethnomusicology. Urbana: University of Illinois Press, 2010. p. 194-203.

NZEWI, Meki. Educação Musical sob a perspectiva da diversidade cultural e globalização: posição da CIIMDA. Revista da ABEM, Londrina, v. 20, n. 28, p. 81-93, 2012.

PEREIRA, Ingrid Fernanda Rodrigues. Macunaíma ópera tupi trans_criação: o selvagem e a marginal na ópera de Iara Rennó. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

PERNAMBUCO. Maria Flor. Mapa cultural de Pernambuco. Disponível em: https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/19442/mariaflor_multiartista#info. Acesso em: 5 de abril de 2025.

POLIVOX, Revista. Karina Buhr: de recife a salvador. Disponível em: <http://revistapolivox.com.br/index.php/portfolio/karina-buhr/>. Acesso em: 1 de abril de 2025.

RENNO, Iara. Site oficial. Disponível em: <https://www.iararenno.com/bio-completa>. Acesso em: 31 de março de 2025.

RODRIGUES, Jaqueline. Laíz de Oyá. Paraíba Criativa, João Pessoa, 12 de novembro de 2021. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/laiz-de-oya/>. Acesso em: 5 de abril de 2025.

RODRIGUES, Jaqueline. Priscilla Cler. Paraíba Criativa, João Pessoa, 22 de novembro de 2021. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/priscilla-cler/>. Acesso em: 5 de abril de 2025.

ROLLA, Marco Paulo. O artista “multidisciplinar”! *Educação em Arte*, v. 4, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/EdA-v4-n2-2023-71541>. Acesso em: 16 de dezembro de 2025.

SANTOS, Eurides Souza; SILVA, Erivan. Zabé da Loca: protagonismo feminino no



universo das bandas de pífano. Claves, v. 1, p. 1-20, 2018.

TIBURI, M. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 6. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VELOSO, Mariana de Lima. (En)canto: trans[ação], sexualidade e ativismo na performance de Linn da Quebrada. 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: Repositório de Produção Científica e Intelectual da Unicamp. Acesso em 20 de junho de 2026.

